

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EXPERIENCIAL AO AR LIVRE: UMA REVISÃO

Danilo Batista Rodrigues¹, Erich de Freitas Mariano¹

¹LABORATÓRIO DE ORNITOLOGIA E BIOLOGIA DA CONSERVAÇÃO/ UACB/CSTR/UFCG E-mail:
dbrodrigues@outlook.com; efmariano.ufcg@gmail.com

INTRODUÇÃO

A perspectiva ambiental consiste nas inter-relações e interdependências que existem entre o meio vivo e não vivo, pois é muito importante que haja um equilíbrio entre esses. Na natureza uma coisa depende da outra, nenhum ser vive sozinho, são necessárias relações específicas para a sobrevivência de toda estrutura planetária.

Por este motivo devemos desenvolver relações sociais solidárias de respeito e comprometimento com a natureza, ao homem e a si mesmo. A educação ambiental vai atuar justamente no processo de mudança de comportamento e aquisição de novos valores e conceitos convergentes às necessidades do mundo atual e suas relações com as questões sociais, econômicas, culturais e ecológicas.

A educação ambiental no âmbito escolar deve ser tratada como ciência, ou seja, deve ser uma disciplina que atue separadamente de outras. Hoje ela é tida como um tema transversal e que muitas vezes se torna esquecido, devido ao fato de os educandos ficarem presos aos conteúdos que lhes são estabelecidos e que na maioria das vezes são tão extensos que os mesmos não conseguem concluí-los até o fim do ano letivo. Associado a isso, muitos professores não se sentem na obrigação da aplicação de um tema transversal, embora este seja de extrema importância.

A educação ambiental ganhou notoriedade com a promulgação da Lei 9.795, de 27 de abril de 1999, que instituiu uma Política Nacional de Educação Ambiental e, por meio dela, foi estabelecida a obrigatoriedade da educação ambiental em todos os níveis do ensino formal da educação brasileira. A lei 9.765/99 precisa ser mencionada como um marco importante da história da educação ambiental no Brasil, porque ela resultou de um longo processo de interlocução entre ambientalistas, educadores e governos (BRASIL, 1999).

A escola é um espaço privilegiado para estabelecer conexões e informações, como uma das possibilidades para criar condições e alternativas que estimulem os alunos a terem concepções e posturas cidadãs, cientes de suas responsabilidades e, principalmente, perceberem-se como integrantes do meio ambiente. Contudo, a educação formal deve continuar sendo um espaço importante para o desenvolvimento de valores e atitudes comprometidas com a sustentabilidade ecológica e social (LIMA, 2004).

O objetivo do presente trabalho é discutir e relatar as questões relativas à educação ambiental experiencial ao ar livre, tendo em vista a necessidade de formar cidadãos conscientes quanto à preservação do meio ambiente, dos recursos naturais e da qualidade de vida das pessoas, inclusive das gerações futuras. Fomentar os princípios da educação ambiental junto a estes alunos, para que possam desde sua base educacional através de dinâmicas, exposições, visitas e trabalho de campo criar uma consciência ecológica e sustentável do meio em que vivemos.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com uma abordagem qualitativa, a partir de uma revisão da literatura. Teve como base dados do Google Acadêmica, Periódicos CAPES, ERIC, onde foram localizados artigos, monografias, dissertações e teses, tanto em português quanto em inglês,

usando as palavras-chaves *outdoor education*, educação ambiental, educação ao ar livre, educação experiencial, afetividades no ensino, educação pela aventura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No mundo inteiro se discute muito sobre o tema meio ambiente, porém, não existe empenho dos governantes e da população para fazer algo a respeito das questões ambientais. Um desses problemas pode ser o descaso dos políticos ou falta de informação da população.

A educação ambiental é uma solução para resolver esses problemas, principalmente para as crianças e jovens. A educação ambiental tem que ser introduzida no meio escolar, para que seja abordada essa temática em sala de aula e praticá-la dentro e fora da escola, precisamos formar a base das futuras gerações, para que essas crianças e jovens saibam um rumo que o nosso planeta está indo.

De acordo com Oliveira (2000), a Educação Ambiental tem sido sugerida como salvadora dos problemas ambientais e busca um novo ideário comportamental, tanto no âmbito individual quanto coletivo. Porém, a busca de alternativas para um desenvolvimento sustentável não se dá apenas pela mudança de mentalidade, via educação, mas deve começar em casa, ganhar as praças e as ruas, atingindo os bairros e as periferias, apontando para o nacional e o global.

A ideia da educação ambiental é ser transformadora, capaz de introduzir mudanças de pensamentos e atitudes, atuando na sensibilização e conscientização do cidadão no sentido de desenvolver senso de responsabilidade e de urgência com relação aos problemas ambientais. É necessário também que a educação ambiental seja contextualizada, ou seja, deve atuar diretamente na realidade de cada comunidade ou de cada setor da sociedade onde é aplicada.

Segundo Vasconcellos (2006), A Educação Ambiental foi definida como uma “dimensão dada ao conteúdo e a prática da educação, orientada para a resolução de problemas concretos do meio ambiente, através de enfoques interdisciplinares e de uma participação ativa e responsável de cada indivíduo e da coletividade”.

No Brasil, o estudo do meio teve início no final da década de 1950, com a instalação das classes experimentais, em determinadas escolas públicas e privadas, baseadas numa portaria do Ministério da Educação e Cultura, e a expressão máxima veio com o surgimento dos Ginásios Vocacionais e Colégios de Aplicação, no início da década de 1960 (BALZAN, 1987).

Em 1988 foi introduzido na constituição do Brasil, um capítulo histórico para o país sobre o meio ambiente, considerando-o como um bem comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo ao poder público e a coletividade o dever de preservá-lo para as gerações presentes e futuras.

No ano de 1992, foi realizado no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente e desenvolvimento (Unced ou Earth Summit), também conhecida como Rio-92. E nesse período foi elaborado um documento chamado “Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global”.

Neste documento ficou estabelecido que “a educação ambiental deve ter como base o pensamento crítico e inovador, em qualquer tempo e lugar em seu modo formal, não formal e informal, promovendo a transformação e a construção da sociedade”.

Além de reconhecer que a “Educação Ambiental deve ajudar a desenvolver uma consciência ética sobre todas as formas de vida com as quais o ser humano se compartilhamos neste planeta, respeitando seus ciclos vitais e impondo limites à exploração dessas formas de vida pelos seres humanos” (WWF/ECOPRESS, 2000).

O Ministério da Educação em 1997 elaborou uma nova proposta curricular, denominada de Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, onde o meio ambiente passa a ser um tema transversal nos currículos básicos do ensino fundamental, isto é, de 1ª a 8ª séries.

De fato, em abril de 1999, com a lei nº 9795/99, é que veio o reconhecimento da importância da educação ambiental, reconhecida e oficializada como área essencial e permanente em todo processo educacional. Essa lei surgiu embasada no artigo 225, inciso VI da Constituição Federal de 1988. Segundo essa lei a EA tem que ser trabalhada dentro e fora da escola, mas não deve ser uma disciplina, porque perde o seu caráter interdisciplinar.

Duas formas de trabalhar a educação ambiental é , a educação experiencial e a educação pela aventura, uma ferramenta ainda pouca usada nas escolas, esses métodos proporcionam um melhor aprendizado. Por que o aluno vai vivência a educação ambiental fora de quatro paredes.

Segundo Dias (2004) As pessoas não se envolvem e temáticas ambientais sentadas em suas cadeiras, fechadas em um ‘caixote de tijolo e cimento’, regadas a quadro-de-giz ou a parafernália audiovisuais. Elas precisam sentir o cheiro o sabor, as cores, a temperatura, a umidade, os sons, os movimentos do metabolismo do seu lugar, da sua escola, do seu bairro, da sua cidade... Isso não se faz sentado em carteiras.

As aulas de educação ambiental fora da escola, Estabelecem boas relações com os alunos é o primeiro passo para se obter um bom ambiente de trabalho. Para que as aulas sejam produtivas e interessantes para o aluno, ele precisa sentir-se a vontade com o professor, e isso irá facilitar seu envolvimento nas atividades e a construção dos conhecimentos com relação aos conteúdos trabalhados.

Educação experiencial

A base da aprendizagem vivencial é a experimentação. O Ciclo de Aprendizagem Vivencial - CAV - tem sua origem nas pesquisas de David Kolb (1990), psicólogo americano. Para o autor, a noção de criação e transferência de conhecimento é muito mais do que uma mera reprodução. É um processo que passa pela reflexão, crítica e internalização do que é vivido.

A aprendizagem experiencial parte da seguinte premissa : todo desenvolvimento profissional prospectivo decorre da aprendizagem atual, assim como o desenvolvimento já constituído é imprescindível para o aprendizado. Aprender pela experiência não significa que qualquer vivência redunde em aprendizagem. Esta aprendizagem é, sobretudo, mental. Assim sendo, apropriar (tornar próprios) os saberes procedentes da experiência demanda processos contínuos de ação e reflexão.

Atualmente, um dos recursos que vem sendo bastante utilizado como método pedagógico e ferramenta de desenvolvimento pessoal e social é a educação experiencial realizada em ambientes naturais, também conhecida como educação pela aventura.

A educação experiencial parte do princípio de que as experiências seguidas de reflexão são potencialmente educativas. A frase: “O que ouço, esqueço; o que vejo lembro e o que vivo aprendo” sintetiza a importância da aplicação prática dos ensinamentos teóricos aos processos de aquisição, interiorização, e aplicação da aprendizagem.

Uma aula experiencial, o professor têm que estudar sobre o assunto, não basta retirar os alunos de sala de aula para o campo, o professor têm que saber como é o ambiente ,e o que pode fazer nesse ambiente, para que os alunos possam levar para seu dia a dia o que foi ministrado nessa aula, assim os alunos participam mais e seu rendimento é melhor.

As atividades de campo permitem o contato direto com o ambiente, possibilitando que o estudante se envolva e interaja em situações reais. Assim, além de estimular a curiosidade e aguçar os sentidos, possibilita confrontar teoria e prática. Além disso, uma atividade de campo permite que

,o aluno se sinta protagonista de seu ensino, sinta que é um elemento ativo e não um mero receptor de conhecimento.

A realização de uma atividade experiencial é capazes de estimular mudanças de mentalidade com relação ao trabalho em equipe, criatividade para a resolução de problemas e capacidade para lidar com as mudanças. Os participantes se defrontam com situações nas quais são questionados e convidados a discutir conceitos como cultura de grupo e tomada de decisão em momento crítico.

Para além de conteúdos específicos, uma atividade de campo permite também estreitar as relações de estima entre o professor e alunos, favorecendo um companheirismo resultante da experiência em comum e da convivência agradável entre os sujeitos envolvidos que perdura na volta ao ambiente escolar.

Educação pela aventura

A educação outdoor ou ao ar livre não é algo novo, há muitos anos vem se falando e se escrevendo sobre ela fora do Brasil e vem sendo amplamente difundida e praticada auxiliando no ensino de ciências, biologia e muitas outras disciplinas. Melhorando o ensino e o contato direto com a natureza, e aperfeiçoando práticas que eram só vista em sala de aula.

Alguns pesquisadores dizem que a EO, começou há milhares de anos atrás como os nossos ancestrais, onde eles estavam sujeitos a aprender como o mundo lá fora. Onde não havia escolas ou salas de aula, onde o descobrimento e toda forma de conhecimento estava apenas a um passo de distância, sempre lá fora.

Nos tempos mais recentes a educação outdoor surgiu no final do século XIX e no início do século XX, onde apareceram os primeiros acampamentos e escolas que abordaram está temática, e também começaram a surgir as primeiras linhas de escoteiros. Alguns pesquisadores afirma que o início dos programas de educação outdoor nos Estados Unidos começou em 1930.

Um dos grandes marcos da EO, foi a criação do programa "Outward Bound" pelo o alemão Kurt Hahn em 1941, que se preocupou ensinar jovens marinheiros no período da segunda guerra mundial a sobreviver no mar e nos botes salva vidas, pois tinham constatado em números acidentes fatais de jovens marinheiros pois não possuíam experiência ou condições para sobreviver.

As atividades outdoor têm como objetivo potencializar o ensino-aprendizagem, mais na literatura não existe uma definição universal para conceituá-la , então consideram as atividades outdoor todas aquelas que se realiza fora da sala de aula, embora não obrigatoriamente realizada em ambiente natural.

Segundo Orion as atividade outdoor podem ser realizadas em qualquer um dos ambientes de aprendizagem (1) ambiente natural- por exemplo, áreas naturais selvagens sem intervenção humana, (2) ambiente semi-natural - por exemplo, jardins zoológicos, parques naturais arredores urbanos, que embora naturais já tiveram intervenção humana (3) ambiente construído pelo Homem - por exemplo, museus de ciência, centros de ciência-tecnologia e indústrias.

A outdoor education é uma vivência educacional que faz uso de desafios presentes em áreas naturais ou urbanos como metodologia educativa. A Educação ao Ar Livre é um método de aprendizagem experiencial que utiliza todos os sentidos de uma pessoa, e ocorre principalmente através da exposição do aluno ou do visitante a ambientes naturais ou urbanos (BARROS, 2000).

O contato com atividades ao ar livre e a prática saudável e estimulante, de aventura na natureza, cria uma estreita relação com a educação ambiental, com a Preservação e com a Conservação do ambiente. A educação outdoor pode ter características locais, típicas de cada região podendo ser adaptada e ser utilizada em qualquer parte do mundo.

No Brasil ainda caminhamos em passos curtos. Com a pouca divulgação e problemas culturais, não temos uma cultura envolvida e engajada com o ensino outdoor (BIEBERBACH,

2013) diz que no Brasil, de maneira geral, grande parte das escolas não possui qualquer tipo de programa ou aulas com esta temática, com raras exceções. Muitas delas nem sabem da existência desta possibilidade de ensino fora da sala de aula.

Como no Brasil o assunto educação ao livre, ainda é muito desconhecido, e espera-se que logo tempo seja mais utilizado por escolas e instituições a fim de auxiliar e ajudar a reestruturar e melhorar a educação brasileira. Isso sem mencionar a importância de transformar, não somente pelos fatores educacionais, mas também pelos valores de superação, igualdade, relacionamento, cooperação, cuidado com a natureza entre outros valores transferidos e apoiados pela educação outdoor.

A educação outdoor não veio para substituir nenhuma outra forma de ensino, mas sim somar. Veio trazer uma forma de interação, trazer uma forma de relacionamento. Um programa outdoor bem planejado pode auxiliar e ajudar alunos e professores de uma forma a facilitar a interação entre eles possibilita situações de inserção onde o conhecimento proveniente de sala de aula é útil e essencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das últimas décadas, as pressões sobre o ambiente global tornaram-se auto-evidentes, fazendo surgir um pensamento em comum pelo desenvolvimento sustentável. Essa estratégia requer um novo enquadramento pensativo e um novo conjunto de valores. A educação ambiental é essencial para aumentar a capacidade das pessoas de enfrentar as questões ambientais e de desenvolvimento.

A educação ambiental é hoje o instrumento mais eficaz para se conseguir criar e aplicar formas sustentáveis de interação sociedade natureza. Este é o caminho para que cada indivíduo mude de hábitos e assuma novas atitudes que levem à diminuição da degradação ambiental, promovam a melhoria da qualidade de vida e reduzam o uso descontrolado dos recursos ambientais.

Uma das formas de ensinar a educação ambiental é utilizando a educação outdoor, que contribuir muito para renovar o processo de ensino aprendizagem, trazendo a permanente avaliação crítica, a adequação dos conteúdos ministrados em sala de aula à realidade local.

A educação outdoor provê múltiplas oportunidades de tarefas cooperativas entre alunos. Ela também lhes proporciona experiências significativas, pois a dinâmica de seus cursos demanda não apenas o julgamento moral dos dilemas que ocorrem, mas também as ações decorrentes da necessidade de resolução de problemas.

Este trabalho mostra que, educação outdoor veio para mudar alguns pensamentos em relação ao modo de ensinar, com esse ensino os alunos podem ter uma vivência na prática do que é educação ambiental, mais devido ser um tema inovador no Brasil poucas escolas e profissionais da educação usa dessa metodologia, alguns por não saber sobre o assunto ou por motivos financeiros que a maioria das escolas sofrem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALZAN, N. C. Estudo do meio. In: CASTRO, A. D. et al. Didática para a escola de primeiro e segundo grau. 9. Ed. São Paulo: Pioneira, p. 111-128, 1987.

BARROS, M. I. A. Outdoor Education, uma alternativa para a Educação Ambiental através do Turismo de Aventura. In: SERRANO, C. A educação pelas pedras: Ecoturismo e Educação Ambiental. São Paulo: CHRONOS, 2000.



BIEBERBACH G. T. R. Educação outdoor: uma ferramenta no ensino de ciências e biologia. Trabalho de Conclusão de curso, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

BRASIL. Brasília. Lei de Política Nacional de Educação Ambiental, nº 9795/1999. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm>. Acesso: 14 mar. 2016.

DIAS, Genebaldo Freire. Educação ambiental: princípios e práticas. 9º Ed. São Paulo: Gaia, 2004.

Kolb, D. (1990). Experiential learning. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall.

LIMA, Waldyr. Aprendizagem e classificação social: um desafio aos conceitos. Fórum Crítico da Educação: Revista do ISEP/Programa de Mestrado em Ciências Pedagógicas. v. 3, n. 1, out. 2004.

OLIVEIRA, Elísio Márcio de. Educação ambiental uma possível abordagem. 2. ed. Brasília: IBAMA, 2000.

VASCONCELLOS, Jane M. de O. Educação e Interpretação Ambiental em Unidades de Conservação. Cadernos de Conservação, Curitiba, ano 3, n. 4, 2006. 86 p.

WWW/ECOPRESS. A Importância da EA na Proteção da Biodiversidade no Brasil.pdf Proteção da Biodiversidade no Brasil.pdf Disponível em< <http://www.ebah.com.br/a-importancia-da-ea-na-protecao-da-biodiversidade-no-brasil-pdf-pdf-a6515.html>>. Acesso em 28 mar.2016.